

LIBERDADE, 21

Série 1

13º Episódio

Direcção

Coordenação de Projecto

Argumento de
JOÃO NUNES

SP Televisão
01-06-2008
Versão [3]

OBS:

Liberdade, 21

Série 1

13º Episódio

INT. ESCRITÓRIO. RECEPÇÃO DIA

Júlia está na recepção do escritório, a teclar no computador. Está a introduzir as referências de uma pilha de CARTAS que tem em cima do balcão. Enquanto o faz trauteia baixinho O TEMA MUSICAL DA SÉRIE.

Um homem novo, 26 anos, fato azul e gravata às riscas, carregando uma MOCHILA de desporto pequena, sai do elevador. É MARIANO LOPES, e tem o ar fresco e composto de quem tomou banho e se barbeou pouco tempo antes. O homem olha para Júlia, enche os pulmões de ar, e avança na sua direcção.

MARIANO

Bom dia.

(pausa)

O doutor Raul está?

JÚLIA

Posso saber quem deseja falar com ele?

MARIANO

Diga-lhe que é o Mariano. Mariano Lopes, ele deve lembrar-se, eu já trabalhei cá.

Júlia agarra no telefone e marca um número. Mariano afasta-se e sai de campo - deixamos de o ver durante o diálogo seguinte.

INTERCALA COM:

INT. ESCRITÓRIO. SALA DE RAUL AO MESMO TEMPO

Raul está sentado à secretária, a escrever um cartão de mensagem à mão, com uma boa caneta de tinta permanente. O telefone toca e ele atende.

RAUL

Sim...?

JÚLIA

Doutor Raul... tem aqui na recepção o senhor Mariano Lopes...

RAUL

(tentando lembrar)

Mariano Lopes...? Mariano Lopes...

JÚLIA

Ele diz que trabalhou cá.

RAUL

Mariano Lopes... Ah - já sei quem é. Diga-lhe que eu não estou.

INTERCALA COM:

INT. ESCRITÓRIO. RECEPÇÃO CONTINUAÇÃO

Júlia olha para fora de campo, presumivelmente na direcção de Mariano. Nesse momento, abre muito os olhos, de espanto.

JÚLIA

Doutor. Talvez... seja melhor vir cá.

RAUL

Já disse que não...

JÚLIA

(interrompendo)

Ele está a acorrentar-se aqui na recepção, doutor.

RAUL

A acorrentar-se?!

Vemos então Mariano, que retirou uma GROSSA CORRENTE DE METAL e um enorme CADEADO DE AÇO de dentro da mochila, e está a prender-se com eles ao corrimão da escada que leva ao segundo piso do escritório.

Júlia desliga o telefone e levanta-se a correr.

JÚLIA

Você não pode fazer isso!

O homem termina de fechar o cadeado, ficando acorrentado à escada (mas de forma a que, mais tarde, se possa sentar nos degraus da mesma).

MARIANO

Eu não saio daqui sem falar com ele! Pode dizer-lhe isso. Não saio.

PASSAGEM DE TEMPO

INT. ESCRITÓRIO. RECEPÇÃO MAIS TARDE

A recepção está agora bastante agitada. VERA e FRANCISCO, à porta da sala dos cafés, observam as pessoas que estão à volta de Mariano: HELENA, que está a falar com ele; e SOFIA, que assiste a tudo com ar preocupado.

Alguns OUTROS ADVOGADOS espreitam no corredor ou do 2º piso; e, na recepção, DOIS CLIENTES sentados observam tudo com curiosidade.

HELENA

Isto não leva a lado nenhum, Mariano. Porque é que não vamos lá para dentro conversar com mais calma?

MARIANO

Eu só quero falar com o doutor Raul.

HELENA

Mas ele não quer falar consigo aqui. Se formos lá para dentro...

MARIANO

(interrompendo)

Não! Tem de ser aqui, à vista de todos.

SOFIA

Porque é que estás a fazer isto? Vamos lá para dentro falar...

MARIANO

Vocês sabem muito bem porquê!

Vera olha para Francisco.

VERA

Mas afinal quem é este *alien*? Parece que toda a gente o conhece.

FRANCISCO

Não sei...

PEDRO (OFF)

O *alien* chama-se Mariano...

Os dois estagiários olham para Pedro, que está atrás deles, olhando a cena com ar irónico.

PEDRO

... e trabalhou aqui no escritório há uns dois anos atrás.

VERA

Porque é que não ficou?

PEDRO

O Raul pô-lo a andar.

(pausa)

Por uma vez na vida estive de acordo com ele. O tipo era um incompetente.

Olha Francisco.

PEDRO

Ser despedido acontece a muito boa gente?

Leva a chávena de café à boca e volta a olhar para Mariano, que continua a abanar a cabeça aos argumentos de Helena e Afonso.

CORTA PARA:

GENÉRICO

INT. ESCRITÓRIO. SALA DE SOFIA DIA

Na sala de Sofia está sentado um homem de cerca de 30 anos, classe média baixa, ar ausente. É VITALINO, um cliente. Olha em redor, ocupando o tempo a olhar as paredes e o diploma de Sofia. Ao seu lado está ÓSCAR (60) um homem de ar humilde, do campo.

A porta abre-se e Sofia entra, apressada.

SOFIA

Desculpe a demora, senhor Vitalino. Mas isto que aconteceu...

VITALINO

Não faz mal, doutora, eu entendo.

SOFIA

As pessoas fazem cada coisa quando estão desesperadas.

VITALINO

E então eu não sei disso?

Sofia sorri e senta-se à frente dele.

SOFIA

Pois, tem razão. Estava precisamente a contar-me...

VITALINO

Que aqui o meu pai deu um tiro num tipo...

EXT. VIVENDA HUMILDE DIA (FLASH)

CENA RÁPIDA

ÓSCAR ergue uma caçadeira ao rosto crispado de fúria e dispara um tiro.

INT. ESCRITÓRIO. SALA DE SOFIA CONTINUAÇÃO

Sofia abana a cabeça.

SOFIA

Olhe a loucura que o seu pai foi fazer.

VITALINO

Então não foi o que eu lhe disse? “Ó pai, como é que você me foi fazer uma coisa dessas?”

SOFIA

Ao menos o outro não morreu...

VITALINO

Pois não - ficou só com uns buraquitos nas costas.

Sofia consulta uns papéis.

SOFIA

Podem ser uns buraquitos, mas vão dar-nos um monte de problemas. A acusação é de homicídio na forma tentada. É grave...

Sofia interpela Óscar.

SOFIA

Senhor Óscar, tem de me ajudar a perceber o que se passou naquela tarde.

ÓSCAR

Eu já contei tudo à polícia.

O homem fala com alguma dificuldade. Percebe-se que é pessoa rude, humilde e pouco instruída.

SOFIA

Mas tem de me contar tudo outra vez a mim, para eu o poder ajudar. Como é que começou tudo?

ÓSCAR

Ora, pois então... o Virgílio apareceu na minha casa com o irmão dele, o Simão, que na altura namorava a minha filha Alzira. Vinham com um outro, o Horácio.

EXT. QUINTAL DE VIVENDA DIA (FLASH)**CENA RÁPIDA**

Virgílio, Simão e Horácio entram pelo quintal da casa, com modos de poucos amigos. É uma vivenda humilde, com partes inacabadas, e uma escada exterior que leva ao segundo piso. Uma mulher de 60 anos, PALMIRA, está a varrer o quintal e avança para eles, interpelando-os.

ÓSCAR (OFF)

A minha Palmira foi perguntar o que eles queriam...

Virgílio dá um murro com as costas das mãos em Palmira e empurra-a para o chão.

ÓSCAR (OFF)

... e o Virgílio começou a bater-lhe e a insultá-la.

INT. ESCRITÓRIO. SALA DE SOFIA CONTINUAÇÃO

Sofia observa o homem com atenção, avaliando-o.

SOFIA

Foi aí que você disparou contra ele?

ÓSCAR

Quando vi a minha mulher no chão e o malandro a chamar-me “filho desta” e “filho daquela”, fiquei a ver tudo vermelho.

EXT. QUINTAL DE VIVENDA DIA (FLASH)**CENA RÁPIDA**

Óscar surge na varanda da casa com uma caçadeira na mão.

ÓSCAR (OFF)

Fui a casa para buscar a arma, mas o bandalho fugiu ...

Óscar leva a caçadeira ao rosto e aponta para baixo, para o quintal. Virgílio começa a correr. Óscar grita qualquer coisa, que não ouvimos, volta a fazer pontaria e, finalmente...

...DISPARA!

INT. ESCRITÓRIO. SALA DE SOFIA CONTINUAÇÃO

Óscar olha Sofia.

ÓSCAR

... e eu já não consegui o matar.

SOFIA

Ainda bem...

ÓSCAR

Ainda bem, nada! Se a minha mulher não estivesse à frente dele o Virgílio tinha esticado a bota ali mesmo, e era muito bem feita.

SOFIA

Senhor Óscar - o senhor não disse isso à polícia, pois não?

ÓSCAR

Disse, e volto a dizer.

Sofia olha o homem com ar preocupado.

INT. ESCRITÓRIO. RECEPÇÃO DIA

Mariano está a trincar uma sanduíche, com Júlia sentada ao lado dele, nos degraus da escada. A recepção está vazia.

JÚLIA

Você veio preparado, hem?

Mariano tira um guardanapo da mochila aberta e limpa a boca.

MARIANO

Foi uma das coisas que aprendi aqui - preparar-me para tudo.

JÚLIA

O que é que espera conseguir com isto?

Mariano dá outra trinca e fala com a boca cheia.

MARIANO

Proteínas, vitaminas, hidrocarbonetos...

JÚLIA

Não! Com este protesto...

Mariano sorri.

MARIANO

Eu sei, estou a brincar.
(pensa um pouco)
Só quero falar com o Raul.

JÚLIA

Mas por quê?

MARIANO

Se eu lhe dissesse ficava a saber tanto como eu, não é?

Nesse momento Afonso surge do interior do escritório. Aproxima-se dos dois.

AFONSO

Vou almoçar.
(para Mariano)
Não queres vir comigo? Pago-te o almoço...

MARIANO

Não, obrigado, Afonso. Sabe que eu sou teimoso, não sabe?

AFONSO

Sei...
(para Júlia)
Bem, então - até já.

Afonso afasta-se e Júlia acompanha-o com o olhar. Mariano fica a olhar para ela até Afonso sair de campo.

MARIANO

Toda a gente tem um fraquinho por ele.

JÚLIA

“Toda a gente”, porquê? Acha que eu tenho?

MARIANO

(irónico)

Não - por acaso não se nota nem um pouco.

Remexe na mochila e tira de lá outra sandes embrulhada em papel alumínio.

MARIANO

Já que ele não a convidou, convido eu.

(estende a sandes a Júlia)

Dá-me a honra?

Júlia hesita mas depois aceita.

JÚLIA

Obrigada. É de quê?

MARIANO

Atum com maionese. Fiz eu.

Júlia começa a desembulhar a sandes. Mariano fica a olhar na direcção por onde Afonso desapareceu.

MARIANO

Mas não é de admirar.

(pausa)

Até eu tinha um fraquinho pelo Afonso.

Olha para Júlia.

AFONSO

Aliás, acho que foi por isso que o Raul me despediu.

Júlia olha para ele, espantada. Fica com a sandes imobilizada a caminho da boca aberta. Mariano sorri e encolhe os ombros.

INT. ESCRITÓRIO. SALA DE AFONSO DIA

Raul está a teclar no computador enquanto fala com Vera e Francisco.

RAUL

É um caso muito simples. Um cliente meu, o Octávio Aguilar, tem a mania do todo-o-terreno. Vocês gostam de jeeps?

Vera abana a cabeça.

VERA

Nem por isso.

FRANCISCO

Eu gosto.

Raul para de teclar e olha para os dois.

RAUL

Pois eu, é uma coisa que nunca entendi. Como é que se pode tirar prazer do desconforto, do barulho e da poeira...?

RAUL

Bem - no último raid que fez, ele atravessou um caminho sem olhar e bateu na carroça de um agricultor, que se virou.

VERA

O homem sofreu alguma coisa?

RAUL

Não - só danos materiais. A seguradora vai pagar os prejuízos todos, mas ele pediu-me para pôr alguém a acompanhar o caso. Ficou com pena do velhote.

VERA

Contra a seguradora dele?

RAUL

Não é bem contra. É... ao lado.

INT. ESCRITÓRIO. RECEPÇÃO DIA

Helena está novamente a falar com Mariano.

HELENA

Mariano - entenda, por favor. O Raul diz que não fala consigo sob pressão. Se você parar com esta criançice ele recebe-o lá dentro.

MARIANO

O doutor Raul está habituado a que tudo seja feito à sua vontade. Sempre foi assim...

Nesse momento Afonso sai do gabinete, já vestido para sair.

HELENA

Afonso - fala aqui aqui com o Mariano. Vocês sempre se deram bem!

AFONSO

Ó Helena - ele quer falar com o Raul, não é? O Raul que o ouça.

HELENA

Então vai tu convencer o Raul.

AFONSO

Como se isso fosse humanamente possível.

Afonso olha o relógio.

AFONSO

Além disso, já estou atrasado. Desculpa.
(para Mariano, à pressa)
Ganha mas é juízo, Mariano.

Afonso afasta-se em direcção ao elevador e Helena volta a encarar Mariano.

HELENA

O dia está a chegar ao fim. Eu não posso deixá-lo aqui sozinho.

Mariano mete a mão no bolso do casaco e tira a chave do cadeado.

MARIANO

A doutora está com medo que eu vá andar aí pelo escritório a vasculhar? Isso resolve-se.

O homem agarra na chave, coloca-a na boca e engole-a, antes que Helena ou Júlia possam reagir.

HELENA

O que é...?

Mariano engole em seco e procura uma garrafa de água na mochila.

MARIANO

Pronto - agora não há solução. Só com serralheiro.

HELENA

Você está louco...

Mariano encolhe os ombros e bebe um golo de água para empurrar a chave.

HELENA

Se eu fosse a si, ia com calma na água. A sua corrente não chega à casa de banho.

EXT. AVENIDA DA LIBERDADE DIA

Afonso, no meio da confusão de gente, faz sinal a um táxi para parar. O segundo táxi a que ele acena pára e Afonso embarca.

PASSAGEM DE TEMPO**EXT/INT. RUA DE LISBOA. TÁXI DIA**

Um táxi está estacionado numa rua de Lisboa. Afonso está no banco de trás. O motorista, no banco da frente, lê um jornal desportivo.

Afonso repara em qualquer coisa e chega-se para a frente.

AFONSO

Aquele, ali...

O motorista baixa o jornal e olha.

AFONSO

O carro preto.

Vemos então para onde Afonso está a apontar - é o carro de Isabel. A sua ex-mulher está nesse momento a entrar no lugar do condutor.

AFONSO

É para ir atrás dele, mas mantenha alguma distância.

O motorista olha Afonso pelo espelho retrovisor. Abana a cabeça e liga o motor do táxi.

O carro de Isabel põe-se em movimento. Alguns metros atrás, o táxi entra também na rua, seguindo-o.

INT. ESCRITÓRIO. RECEPÇÃO DIA

Júlia está de novo ao pé de Mariano.

JÚLIA

Toma lá - tenho de me ir embora.

Estende-lhe um iogurte líquido.

MARIANO

Deixa estar, não é preciso...

JÚLIA

Aceita - um homem precisa de energia para defender as suas causas.

Mariano hesita, mas depois aceita com um sorriso.

Nesse momento Raul sai do outro lado da recepção, dirigindo-se ao elevador. Mariano repara nele e ergue-se apressadamente.

MARIANO

Doutor Raul!

RAUL

Escusas de gastar o teu latim. Não vou falar contigo.

MARIANO

Tem de me ouvir, doutor.

RAUL

Aí é que tu estás enganado - não tenho de fazer coisíssima nenhuma.

A porta do elevador abre-se e Raul entra.

RAUL

Até amanhã. E bons sonhos.

A porta fecha-se.

JÚLIA

A luta continua.

Mariano sorri para ela.

MARIANO

Mas só amanhã...

MUDANÇA DE DIA

EXT. AVENIDA DA LIBERDADE DIA

Sofia desvia-se das pessoas que enchem o passeio da avenida.

INT. ESCRITÓRIO. RECEPÇÃO DIA

Sofia sai do elevador e olha para a recepção, que está vazia. Olha na direcção de Mariano. Júlia está ao pé do acorrentado, que tem o ar de uma noite mal dormida e está a beber um café.

Sofia faz má cara e dirige-se na direcção dos dois.

SOFIA

Então, Mariano - dormiu bem.

MARIANO

Não goze comigo, doutora Sofia.

SOFIA

Não estou a gozar - só quero saber se lhe fez bem a noite de reflexão, ou se vai insistir neste número de variedades?

JÚLIA

Se o doutor Raul falasse...

SOFIA

(interrompendo-a)

Eu pedi a sua opinião, Júlia?

JÚLIA

Não preciso que ma peçam, doutora. Eu dou de graça.

SOFIA

Ponha-se no seu lugar, Júlia. Olhe, vá ver se chegou correspondência para mim, que é para isso que lhe pagam.

Júlia levanta-se, chateada, e dirige-se ao balcão da recepção. Sofia fala mais baixo com Mariano.

SOFIA

Isto tem a ver com aquele episódio com o Afonso?

MARIANO

A doutora desculpe, mas não vou falar consigo.

SOFIA

É que não foi por isso que você foi dispensado, Mariano. Eu estive na reunião com o Afonso e a Helena, e a decisão foi meramente de gestão.

MARIANO

Sabe o que é que eu ando a fazer, doutora? Oficiosas. Não consigo arranjar emprego em nenhum escritório.

SOFIA

Isso até pode ser verdade, Mariano. Mas não tem nada a ver com o Raul.

MARIANO

Então ele que me diga isso na cara.

INT. ESCRITÓRIO. SALA DE REUNIÕES DIA

Vera e Francisco estão sentados com um ALMERINDO, um homem de quarenta anos, magro e seco, vestido com um fato que provavelmente o acompanha desde o dia do casamento. Para variar, é Francisco que dá rumo à conversa; Vera, pelo contrário, parece desatenta e chateada.

FRANCISCO

Teve muitos prejuízos, senhor Almerindo.

Vera olha para Francisco e revira os olhos, enfasiada com a conversa.

Vera faz o gesto de se começar a levantar.

Vera volta a sentar-se.

Francisco entusiasma-se com uma ideia que lhe surge.

ALMERINDO

Nem me fale! O que foi de couves a rolar por aquela estrada a baixo. Teve de ir tudo para os porcos.

FRANCISCO

E a carroça?

ALMERINDO

Toda partida! Eu não sei como é que não morri ali mesmo, andei às cambalhotas no meio das couves e dos caixotes.

FRANCISCO

No meio do azar, ainda teve sorte...

VERA

O senhor Almerindo não se preocupe que nós vamos tratar de tudo. Vai receber o seguro para cobrir essas despesas todas.

ALMERINDO

Eu sei... nem estava a contar com tanto.

VERA

Então...

ALMERINDO

O que me faz mais falta é a minha burra.

FRANCISCO

Sim...?

ALMERINDO

A minha Pacholas tem uma pata partida, vai demorar mais de um mês até poder puxar a carroça de novo. Como é que eu vou andar com as couves para o mercado sem ela?

VERA

Pois... isso aí é que não há nada a fazer.

FRANCISCO

Não há? Talvez haja.

(pausa)

Podemos pedir uma burra de substituição.

VERA

Uma burra de substituição?!

FRANCISCO

Sim - como se faz com os carros. As seguradoras não costumam pagar carros de substituição enquanto os acidentados estão na oficina? Então - pedimos uma burra de substituição.

Vera olha para o colega com ar incrédulo.

ALMERINDO

O doutor acha que eles me vão dar?

FRANCISCO

Com certeza, com certeza! Têm de dar - uma burra para substituir a Pacholas.

INT. ESCRITÓRIO. CORREDOR DIA

No corredor Vera, com os braços cruzados, fala com Francisco, irritada.

VERA

“Uma burra para substituir a Pacholas”. Não sei como é que tu foste capaz de inventar uma coisa dessas.

FRANCISCO

Mas é boa ideia, Vera. E vai dar jeito ao velhote.

VERA

Tu já imaginaste o que o Raul vai gozar connosco quando souber disto. O que toda a gente vai gozar connosco? Vai ser muita sorte se não ficarmos conhecidos pelos “pacholas”.

FRANCISCO

Heehe.. até era engraçado.

Vera bufa de frustração e vira-lhe as costas. Francisco sorri, gozão.

INT. ESCRITÓRIO. RECEPÇÃO DIA

Júlia está a atender um telefonema.

JÚLIA

Já tomei nota, sim senhora. O doutor telefona-lhe logo que possa.

O elevador abre-se e saem DOIS HOMENS, que olham em redor. Um deles traz uma MÁQUINA FOTOGRAFICA profissional ao pescoço. O outro faz-lhe sinal, apontando para Mariano, que continua acorrentado, à espera.

JÚLIA

(para o telefone)
Ele liga-lhe sim. Bom dia.
(para os homens)
Bom dia...

O fotógrafo afasta-se um pouco do outro e começa a fotografar Mariano. Este não repara, pois continua entretido com o seu iPod.

JÚLIA

Desculpe! Não pode fazer isso!

REPÓRTER

Nós somos do “Notícias”. Podemos falar com algum dos sócios?

JÚLIA

Diga ao seu colega para parar de tirar fotografias.

REPÓRTER

Nós só queremos falar com alguém sobre esta situação.

Júlia fica atrapalhada, e hesita. Mariano, entretanto, repara na agitação e levanta-se, retirando os fones de ouvido.

JÚLIA

Eu... não sei...

REPÓRTER

Descubra aí alguém que queira falar connosco, por favor. Entretanto...

O repórter dirige-se para Mariano.

O fotógrafo continua a tirar fotografias.

Os dois jornalistas viram-se e encaram Raul, que está de mangas arregaçadas e cara de poucos amigos.

Os dois jornalistas entreolham-se e começam a afastar-se. Raul olha para Mariano.

Mariano olha Raul com firmeza.

REPÓRTER

Bom dia. Pode dizer-nos o que se está a passar?

MARIANO

Não, eu não estou interessado...

REPÓRTER

Eu presumo que isto seja algum tipo de manifestação de protesto. Podemos saber contra quê?

MARIANO

Eu já disse que...

REPÓRTER

É verdade que você trabalhou aqui, e foi despedido injustamente?

RAUL (OFF)

Não há nada que me dê mais gozo do que processar jornalistas.

REPÓRTER

Doutor Raul Vasconcelos...

RAUL

(interrompendo)

Vocês estão dentro de propriedade particular, mas como já estão de saída eu vou fingir que não vi nada.

REPÓRTER

Nós temos direito...

RAUL

De direitos, meu amigo, entendo eu. E vocês já ultrapassaram os vossos há... cinco minutos. Bom dia!

RAUL

Já estás satisfeito?

MARIANO

Pode mandar vir um serralheiro, doutor Raul? Gostava de conversar consigo...
(pausa)
...por favor.

Raul olha-o, desconfiado.

INT. ESCRITÓRIO. SALA DE RAUL DIA

Raul está a servir-se de um copo de whisky.
Olha Mariano, que está sentado, esfregando um pulso.

RAUL

És servido?

MARIANO

Não, obrigado. Não bebo...

Raul vem sentar-se à frente dele.

RAUL

Foi um belo número que tu armaste ali...

MARIANO

E só parei porque estava aflito para ir à casa de banho...

RAUL

O teu problema sempre foi esse.

MARIANO

O quê - as idas à casa de banho?

RAUL

A falta de capacidade de planeamento; de ver todas as hipóteses, alternativas e consequências. É desastroso, para um advogado.

Mariano olha para Raul, durante alguns instantes.

MARIANO

Porque é que não tenta ser honesto comigo para variar, doutor Raul. Porque é que não me diz na cara a verdadeira razão porque me dispensou?

RAUL

Por seres homossexual - é isso que achas?

MARIANO

E não foi?

RAUL

O Tavares, conheces? É gay. O Lopes da contabilidade - gay. A Rute, a secretária do 2º piso....

MARIANO

A Rute...?

RAUL

Hum hum. E sabes porque é que não os despeço? Porque são bons profissionais. Coisa que, lamento muito dizer-te, tu não eras.

MARIANO

Mas a história com o Afonso...

RAUL

Rapazinho - ouve o que te digo: tu fizeste-te ao Afonso numa festa, nos teus tempos livres. Se ele tivesse querido casar contigo em Badajoz, eu teria todo o prazer em ser o padrinho de casamento. E enquanto ele fosse um bom advogado, continuaria a ter o seu gabinete aqui no escritório. A verdade é essa, e só essa...

Mariano levanta-se, perturbado.

MARIANO

Então... o doutor Raul... acha que eu sou um mau advogado.

RAUL

Vê o lado positivo: a vantagem de ser mau, é que se pode sempre melhorar.

Mariano olha para ele.

MARIANO

Grande consolo...

RAUL

No outro dia estive a ouvir-te na barra, numa oficiosa.

MARIANO

O doutor esteve a ouvir-me...?

Mariano parece sensibilizado pelo elogio inesperado.

O jovem advogado respira fundo, e olha para a janela.

Mariano sorri. Raul retribui o sorriso e bebe um golo de whisky.

INT. ESCRITÓRIO. SALA DOS CAFÉS DIA

Vera está a comer uma salada, sentada na mesa, quando Francisco entra na cozinha.

Francisco abre o frigorífico e tira também um tupperware com slada. Senta-se ao lado de Vera.

RAUL

Gostei da tua argumentação; e gostei, principalmente, da tua atitude. Não te limitaste a pedir justiça; lutaste por ela.

RAUL

Não tens lugar aqui neste escritório... ainda. Mas vou fazer alguns telefonemas, para alguns colegas...

MARIANO

Obrigado... eu...

RAUL

(interrompendo-o)

Agora - livra-te de dizer seja a quem for que eu fiz isto. A última coisa que quero é mais malucos acorrentados na recepção a pedir-me emprego.

FRANCISCO

Já marquei reunião com o advogado da seguradora.

VERA

Parabéns. A “Pachola” deve estar muito feliz.

FRANCISCO

Não sejas assim... No fundo ficaste com inveja de ter sido eu a lembrar-me da burra de substituição.

Mostra-lhe o conteúdo da sua salada. Vera espreita.

Vera serve-se de um pouco da salada de Francisco.

Francisco troca salada com ela.

Vera ri-se e dá-lhe uma palmada no braço.

Francisco ri também. Os dois continuam a comer, mas olham-se pelo canto do olho.

VERA
(irónica)
Foi isso mesmo!

FRANCISCO
És servida?

VERA
Não sabia que também eras vegetariano.

FRANCISCO
Sou crente mas não praticante.
(sorri)
Às vezes apetece-me, para desintoxicar...

VERA
Queres da minha?

FRANCISCO
Tens de ir jantar a minha casa. Faço uma ratatouille excelente.

VERA
Não sei se acredite.

FRANCISCO
É uma sangria de champanhe com frutos silvestres...

VERA
Começa a ficar tentador...

FRANCISCO
E podemos discutir o caso da burra "Pacholas"...

VERA
Chato!

INT. ESCRITÓRIO. SALA DE AFONSO DIA

Sofia bate no vidro do escritório de Afonso. Este faz-lhe sinal para entrar. A advogada abre a porta e entra.

SOFIA

Não estou a atrapalhar?

AFONSO

Não atrapalhas nunca.

Sofia aproxima-se da mesa desarrumada de Afonso e do cabide de pé onde o advogado tem um fato suplente pendurado. Passa a mão pelo ombro do fato.

SOFIA

Não te tenho visto por cá. Muitas audiências?

AFONSO

Não, nada de especial. Tu também foste para fora, não foste?

SOFIA

Fui ver o local do crime...

AFONSO

E é crime mesmo?

Sofia começa a fazer o nó da gravata no fato pendurado.

SOFIA

O tipo encheu as costas do outro de chumbos, e diz que só não o matou porque não conseguiu.

AFONSO

Não o vai deixar dizer em isso em tribunal, presumo?

SOFIA

Claro que não...

(pausa)

Foi o meu avô que me ensinou a fazer nós de gravatas. Ele sabia todos. Aqui está... um nó Windsor.

Vira-se para Afonso e vem sentar-se no tampo da secretária, perto dele.

Mexe no nó da gravata de Afonso.

SOFIA

O nó ideal para os julgamentos importantes. Deixa-me ver o teu...

SOFIA

Tssss..tsss... que nó é este?

AFONSO

Um nó sem pedigree. É o que eu sei fazer...

Sofia desfaz o nó da gravata e começa a fazê-lo de novo, com cuidado.

SOFIA

O meu avô adorava que eu lhe fizesse isto. Lembro-me tão bem. Tinha seis anos e sentava-me ao colo dele.

O momento é inevitavelmente de intimidade.

SOFIA

Depois ficava tão orgulhosa quando ele me levava a passear. Imaginava que todas as pessoas que passavam por nós reparavam no nó da gravata dele.

Afonso está um pouco incomodado mas tenta disfarçar com humor.

AFONSO

Se calhar até reparavam. Um nó feito por uma menina de seis anos.

SOFIA

Seis anos, mas muito precoce. Aí está - o teu nó Windsor. Vê como ficaste melhor.

Afonso mexe no nó da gravata, apalpando-o.

AFONSO

É grande...

SOFIA

Imponente. Se quiseres aprender, podemos marcar um jantar.

Afonso sorri, sem grande convicção.

AFONSO

Sim... um destes dias...

SOFIA

Bem - não foi para isto que vim cá. Conheces algum perito em balística?

AFONSO

O Paulo deve conhecer. Queres que fale com ele?

Sofia debruça-se para Afonso e dá-lhe um beijo rápido no rosto.

SOFIA

Obrigada. E fico à espera desse jantar.

Sofia vira-lhe as costas e sai rapidamente da sala. Afonso acompanha-a com o olhar e, logo que ela fecha a porta, desaperta um pouco o nó da gravata.

MUDANÇA DE DIA

INT. TRIBUNAL CRIMINAL DIA

Estamos na primeira audiência do julgamento de Sofia. O tribunal é presidido pelo meritíssimo JUIZ BRADELL, que está a ouvir o arguido Óscar. Este está de pé, olhos fixos num ponto do chão,.

Da parte do ministério público o procurador é GONÇALO PENA, um jovem em ascensão, cheio de sangue na guelra.

Na audiência Vitalino, o filho de Óscar, observa tudo com ar preocupado.

JUIZ BRADELL

Senhor Óscar Silva, vou ler a acusação que o ministério público deduziu contra si no âmbito deste processo.

(pausa)

O senhor está a ser acusado da prática de um crime de homicídio na forma tentada, e de um crime de detenção ilegal de arma. Percebe o que eu lhe estou a dizer?

O arguido acena afirmativamente, quase sem levantar os olhos. Vemos que está muito pouco à vontade.

Óscar olha para Sofia, procurando ajuda.

JUIZ BRADELL

O senhor Óscar deseja pronunciar-se em relação a esta acusação? Se preferir não falar, ou se só quiser falar mais tarde, não vai ser prejudicado por isso.

JUIZ BRADELL

Senhor Óscar...?

SOFIA

O meu cliente não pretende prestar declarações, meritíssimo.

JUIZ BRADELL

Gostaria de ouvir isso da boca dele, doutora Sofia.

SOFIA

O meu cliente é uma pessoa com pouca educação formal, meritíssimo...

JUIZ BRADELL

(interrompendo)

Eu já percebi isso isso, doutora, muito obrigado. Mas mesmo assim quero ouvi-lo.

(para Óscar)

O senhor deseja falar acerca da acusação?

ÓSCAR

Não... senhor doutor juiz.

JUIZ BRADELL

Muito bem... pode sentar-se. Mandem entrar o queixoso.

PASSAGEM DE TEMPO

INT. TRIBUNAL CRIMINAL MAIS TARDE

O juiz Bradell ouve com atenção o interrogatório do queixoso, VIRGÍLIO, o homem que vimos ser alvejado pelas costas num flash anterior. É

o procurador Gonçalo Pena que conduz o interrogatório.

GONÇALO PENA

Virgílio - conte-nos pelas suas palavras o que se passou naquela tarde.

VIRGÍLIO

Então foi assim - eu estava a tomar um café com uns amigos quando o meu irmão mais novo apareceu no café a sangrar do nariz, e tal. Quando ele me disse que era o Óscar que lhe tinha batido evidentemente que eu fiquei aborrecido.

GONÇALO PENA

E resolveu ir tirar satisfações?

VIRGÍLIO

Evidentemente. Pedi aos meus amigos que viessem comigo e com o meu brother, mas infelizmente só o Horácio é que quis vir.

GONÇALO PENA

O que é que se passou a seguir?

VIRGÍLIO

Quando eu cheguei lá a velha estava a varrer o quintal...

JUIZ BRADELL

Pode ser mais específico, senhor Virgílio? Velhas há muitas.

VIRGÍLIO

Com certeza. A Palmira, a mulher do velho... do Óscar.

JUIZ BRADELL

Obrigado.

VIRGÍLIO

Então... quando eu cheguei lá e perguntei pelo Óscar...

EXT. QUINTAL DE VIVENDA

DIA (FLASH)

CENA RÁPIDA

Nota: É a mesma cena que vimos num flash anterior, mas contada de maneira diferente. São as diferenças dos testemunhos de um e outro participante.

Palmira avança na direcção de Virgílio, mas desta vez vem com a vassoura erguida e começa a bater-lhe. Virgílio ergue as mãos para se defender e consegue agarrar na vassoura. Puxa-a e a mulher desequilibra-se, caindo.

VIRGÍLIO (OFF)

... a Palmira flipou completamente e veio para cima de mim à vassourada.

INT. TRIBUNAL CRIMINAL CONTINUAÇÃO

Virgílio abre muito os olhos, expressivo. Sofia vai tomando notas enquanto o ouve.

GONÇALO PENA

O Virgílio bateu-lhe?

VIRGÍLIO

Népias! Não bati nada, ela é que me bateu a mim. Eu só puxei a vassoura para me defender e como a velha é fraca das canetas, desmontou-se toda.

GONÇALO PENA

Quer dizer - caiu.

VIRGÍLIO

Evidentemente. E foi nessa altura que o Óscar flipou e disparou contra mim.

GONÇALO PENA

Acha que o senhor Óscar o quis matar?

SOFIA

Perdão, meritíssimo, mas a testemunha não tem como responder a este tipo de perguntas.

GONÇALO PENA

Eu reformulo a pergunta, meritíssimo.
(para Virgílio)

O senhor Óscar fez-lhe algum aviso antes de disparar?

VIRGÍLIO

Népias! Quem me avisou foi o meu irmão. Se o Simão não o tivesse visto com a caçadeira ele tinha-me morto ali mesmo.

EXT. RUA DA VIVENDA DIA (FLASH)

CENA RÁPIDA

Virgílio corre afastando-se da casa, mas de repente pára e cai no chão, atingido nas costas.

VIRGÍLIO (OFF)

Fugi a sete pés, mas mesmo assim não fui a tempo. Acertou-me nas costas e deixou-me ali estendido, à morte.

INT. TRIBUNAL CRIMINAL CONTINUAÇÃO

O procurador abana a cabeça, em sinal de entendimento.

GONÇALO PENA

Quanto tempo esteve em casa incapacitado de trabalhar, Virgílio?

VIRGÍLIO

Um mês na cama, a sofrer. E já nem falo das dores que ainda sinto. Volta meia volta tenho de faltar ao trabalho por causa delas.

Sofia abana a cabeça, sorrindo incrédula. Gonçalo sorri.

GONÇALO PENA

Só mais uma pergunta, Virgílio. Tem a certeza que a caçadeira disparada pertencia ao arguido.

VIRGÍLIO

Evidentemente. A gente que caça conhece as armas uns dos outros. O Óscar tinha muito orgulho na caçadeira dele.

GONÇALO PENA

Não tenho mais questões, meritíssimo.

PASSAGEM DE TEMPO

INT. TRIBUNAL CRIMINAL MAIS TARDE

É agora a vez de Sofia fazer algumas perguntas a Virgílio.

SOFIA

O senhor Virgílio disse há pouco que o meu cliente o tentou matar. Como é que sabe isso?

VIRGÍLIO

Porque sei... eu vi a cara com que ele estava.

SOFIA

A cara com que ele estava?! E só pela cara consegue saber qual era a intenção dele?

VIRGÍLIO

Saber, saber, não, mas acho...

SOFIA

(interrompendo-o)

Senhor Virgílio – achar não chega. Neste processo temos mesmo de saber, e saber a verdade.

Virgílio olha para Gonçalo.

SOFIA

Por exemplo, há pouco disse que estava “a tomar café com uns amigos”.

(olha Virgílio)

Não terá sido antes a “tomar umas cervejas e uns bagaços”.

(consulta as suas notas)

Mais especificamente, “vinte e duas cervejas e oito bagaços” - a dividir por quatro pessoas?

VIRGÍLIO

Não sei... talvez...

SOFIA

Senhor Virgílio, foi café ou foi cervejas?

VIRGÍLIO

Eu bebi o café! Mas talvez tenha bebido umas cervejitas...

SOFIA

Será então correcto eu dizer que o senhor já estava embriagado quando se dirigiu a casa do meu cliente?

VIRGÍLIO

Isso é mentira! Não estava bêbado.

Sofia agarra num documento e levanta-o.

SOFIA

Meritíssimo – recordo que o relatório clínico do hospital onde o senhor Virgílio foi tratado, diz que ele tinha uma taxa de 1,1 mililitros de álcool no sangue...

SOFIA

Sr. Virgílio, será que foi por estar embriagado que não se lembra de ter agredido a dona Palmira quando invadiu a casa dela?

VIRGÍLIO

(embaraçado)

Ah... pode estar aí... mas eu sei que estava bem... não estava bêbado...

SOFIA

Então lembra-se de ter agredido a dona Palmira?

VIRGÍLIO

Não, não me lembro.

JUIZ BRADELL

Não se lembra, senhor Virgílio, ou não agrediu?

VIRGÍLIO

Não agredi, senhor doutor juiz. Posso ter bebido um pouco demais, mas lembro-me muito bem do que fiz.

Sofia sorri, satisfeita.

SOFIA

Uma última pergunta

(pausa)

O senhor Virgílio é caçador, não é?

VIRGÍLIO

Já disse que sim.

SOFIA

Então explique-me uma coisa: quando o senhor vê uma lebre a fugir de si, dá-lhe tempo para se afastar antes de disparar?

VIRGÍLIO

Eu não caço lebres.

SOFIA

Quem diz lebres diz outra coisa qualquer. Sr. Virgílio, um caçador espera que a caça fuja, ou dispara logo?

Virgílio responde de cabeça baixa.

VIRGÍLIO

Dispara logo...

SOFIA

Pois... mas sabia que o meu cliente esperou que o senhor desse quarenta passos antes de disparar? Quarenta passos! Contei-os eu mesmo lá no local.

Virgílio não responde. O juiz olha para Sofia.

INT. ESCRITÓRIO. SALA DE REUNIÕES DIA

Francisco e Vera estão reunidos com um **ADVOGADO** da companhia de seguros. É um homem baixinho, careca, de óculos redondos.

VERA

O nosso cliente deseja uma burra de substituição.

ADVOGADO

Uma burra de substituição?!

FRANCISCO

Sim. Pense num carro e troque as quatro rodas por quatro patas.

ADVOGADO

Ridículo! Mas que ideia absurda!

VERA

O nosso cliente precisa da carroça para trabalhar. Não tem carta de condução, por isso um jeep ou carrinha não é solução.

FRANCISCO

A não ser que lhe queiram colocar também um motorista à disposição. Aí pode ser uma pickup.

O advogado começa a arrumar os seus documentos na pasta.

ADVOGADO

Nem pensem nisso! Vocês devem estar a brincar comigo.

VERA

Eu nunca brinco com o trabalho, colega. É muito mais simples do que termos de ir perder horas e horas num tribunal.

FRANCISCO

Com toda a gente a gozar connosco por estarmos a discutir uma burra de substituição.

VERA

A burra ferida chama-se “Pacholas”.

FRANCISCO

Já viu o risco que corre? Começarem a tratá-lo por Doutor Pacholas.

VERA

Os advogados podem ser muito cruéis...

O advogado da seguradora levanta-se, furioso.

ADVOGADO

Eu depois telefono. Mas não contem com isto.

Afasta-se em passo rápido para a porta. Abre-a e no momento em que vai a sair ainda ouve...

FRANCISCO

Doutor Pacholas...!

O advogado trava o passo, mas depois sai e bate a porta com raiva. Vera e Francisco riem-se e dão um “hi-five”.

INT. TRIBUNAL CRIMINAL DIA

Gonçalo Pena, o procurador do MP, interroga o irmão de Virgílio, SIMÃO. Estão presentes todos os interessados no julgamento, com destaque particular para Sofia e Óscar.

SIMÃO

O Óscar nunca gostou do meu irmão. E não gostava mesmo nada que eu namorasse com a filha dele.

GONÇALO PENA

Foi por isso que ele o agrediu e provocou toda esta situação?

SIMÃO

Foi - e eu só não me virei a ele por respeito aos cabelos brancos.

GONÇALO PENA

O seu irmão tentou agredir o senhor Óscar de alguma forma?

SIMÃO

Não! Nem o Óscar, nem a Palmira, nem ninguém. O Virgílio estava a falar com muito bons modos quando o velho apareceu com a arma.

GONÇALO PENA

Ele fez algum aviso antes de disparar, disse alguma coisa?

SIMÃO

Não - chegou e fez pontaria ao meu irmão. A sorte do Virgílio foi a Palmira ter-se levantado, e o velho deve ter tido medo de lhe acertar.

GONÇALO PENA

Para que fique claro, Sr. Virgílio: o senhor Óscar fez algum aviso, disse alguma coisa antes de disparar contra o seu irmão?

SIMÃO

Não - quem avisou o Virgílio para fugir, fui eu.

GONÇALO PENA

Não tenho mais perguntas, meritíssimo.

PASSAGEM DE TEMPO

INT. TRIBUNAL CRIMINAL DIA

Agora é a vez de Sofia interrogar Simão.

SOFIA

Senhor Simão - o senhor disse que o meu cliente não fez qualquer aviso antes de disparar.

SIMÃO

Foi isso, exactamente.

SOFIA

Então, porque é que não disparou logo? O seu irmão ainda correu quase quarenta metros antes de levar o tiro. Porque é que ele demorou tanto a disparar?

SIMÃO

Não sei - pergunte-lhe.

SOFIA

E depois de disparar uma vez, o meu cliente voltou a atirar?

SIMÃO

Não. Deu só um tiro.

SOFIA

Também não percebo. Diz que o Sr.Óscar queria matar o seu irmão, mas afirma que ele só deu um tiro... porque será que ele não voltou a disparar?

SIMÃO

Já disse - não sei. Se calhar porque apontou a arma para mim e para o Horácio.

INT. QUINTAL DE VIVENDADIA (FLASH)**CENA RÁPIDA**

Óscar, na varanda da vivenda, aponta a arma para Simão e Horácio. Grita-lhes qualquer coisa e os dois homens saem do quintal, às arrecuas, de mãos no ar.

INT. TRIBUNAL CRIMINAL CONTINUAÇÃO

Sofia faz um ar paciente.

SOFIA

Pois foi. Ele apontou a arma para si e para o Horácio e mandou-vos embora. Lembra-se do que é que ele disse? Quais foram as palavras dele?

SIMÃO

Não sei, mas foi assim do tipo: “Vão-se embora e não voltem, ou vão comer chumbo”.

SOFIA

“Vão comer chumbo”... Ele não disse que vos ia matar, pois não?

SIMÃO

Vai dar ao mesmo.

SOFIA

Não vai, nem lá perto.
(para o juiz)

Não tenho mais questões, meritíssimo.

EXT. TERRAÇO DE PRÉDIO NOITE

Um terraço de prédio antigo, com uma vista lindíssima sobre Lisboa à noite. Ao longe vemos as luzes da ponte 25 de Abril.

A porta que conduz ao terraço abre-se e surgem Francisco e Vera. Ele traz uma manta e um cesto cheio, ela traz duas taças na mão.

FRANCISCO

Aqui está - o meu jardim particular.

VERA

Jardim?! Não vejo plantas...

FRANCISCO

Tens de imaginar o potencial oculto, e libertar-te um pouco da realidade.

Francisco pousa a manta em cima de uma caixa de cimento mais elevada, e começa a montar um piquenique, retirando do cesto os pratos, uma travessa e um jarro com a famosa sangria de champanhe com frutos silvestres.

Vera senta-se na manta, e fica a olhar para a vista.

VERA

De jardim, nem com imaginação. Mas que a vista é linda, é...

Francisco sorri e começa a despejar o líquido avermelhado nas taças.

FRANCISCO

Fazemos um brinde?

VERA

Desde que não seja à burra Pacholas.

Francisco estende uma taça a Vera e agarra na outra.

FRANCISCO

Tinha pensado nisso, mas se não pode ser...

(ergue a sua taça)

... às causas perdidas - a verdade, o amor, a beleza... que encontrem sempre advogados para defendê-las.

Vera sorri e ergue o copo. Batem cristal contra cristal e bebem, enquanto olham para a paisagem magnífica que se estende a seus pés.

INT. ESCRITÓRIO. SALA DE RAUL NOITE

Uma paisagem igualmente bonita é a que se vê da janela da sala de Raul.

O advogado está de pé, pensativo, com um copo de whisky na mão, olhando os prédios iluminados que se recortam contra o céu escuro.

A porta do gabinete abre-se e Helena espreita.

HELENA

Ainda cá estás?

RAUL

Vou ficar mais um pouco, a arrumar as ideias.

Helena entra e aproxima-se dele.

RAUL

Bebes alguma coisa?

HELENA

Não, quero dormir cedo. E tu devias fazer o mesmo; andas com ar cansado.

Raul vira-se, imediatamente. Recuperou o sorriso malandro.

RAUL

Tens de dizer isso às minhas namoradas. Eu explico-lhes mas elas não me escutam.

HELENA

Se quiseres digo mesmo.

RAUL

Tu eras capaz disso, eu sei. Mas elas iam achar que estás com ciúmes.

HELENA

E iam estar muito enganadas.

(muda de assunto)

Se acabares depressa esse copo saímos juntos.

RAUL

Tens planos para esta noite?

HELENA

Tenho, mas não te incluem.

Raul serve-se de mais um pouco de whisky.

RAUL

Então, minha querida, lamento informá-la mas vai ter que sair sozinha.

Helena estende a cara e dá-lhe um beijo rápido no rosto.

HELENA

Não bebas demais.

Afasta-se e Raul fica a observá-la.

EXT. TERRAÇO DE PRÉDIO NOITE

Vera está sozinha, com a taça meia cheia na mão. A jarra está vazia. A rapariga olha para a paisagem quando a porta do terraço se abre e surge Francisco. Traz outra jarra cheia, e uma manta na mão.

FRANCISCO

Chegaram os reforços...

Vera estende o copo e Francisco - que já bebeu um pouquinho demais - acaba de enchê-lo. Depois agarra na outra manta que trouxe e coloca-a sobre os ombros de Vera.

FRANCISCO

Arrefeceu um pouco...

Vera ajeita a manta, satisfeita.

VERA

Obrigada...

Francisco serve-se também a si, e bebe um golo.

VERA

Sabes...

(pausa)

Quando provei esta sangria achei que era um bocado esquisita. Assim como tu.

FRANCISCO

Obrigado.

VERA

Agora - continuo a achar que é esquisita, mas comecei a tomar-lhe o gosto...

Francisco senta-se ao lado dela, bastante perto.

VERA

Anda cá...

Vera estende a mão para o queixo de Francisco e puxa-lhe os lábios na direcção da sua boca. Beija-o de leve.

Os dois olham-se nos olhos. Depois voltam a beijar-se, desta vez com mais paixão. Francisco abraça Vera e os dois deitam-se para o lado, derrubando a jarra de sangria.

INT. ESCRITÓRIO. SALA DE RAUL NOITE

Raul está sentado na sua secretária. Desapertou a gravata, arregaçou as mangas da camisa, e está a trabalhar em vários documentos espalhados sobre a mesa.

Ouvimos o ruído de uma SIRENE DE UMA AMBULÂNCIA que atravessa o silêncio da noite lá fora.

Raul olha para o relógio e faz uma expressão de surpresa. Bebe um último golo do seu copo de whisky, desliga o candeeiro de mesa e levanta-se. Agarra no casaco e começa a dirigir-se para a porta, mas...

... as pernas vacilam-lhe e tem de se encostar à secretária para não cair. As forças faltam-lhe e escorrega para o chão, lentamente. A sua expressão é um misto de surpresa, dor e cansaço.

Senta-se no chão mas consegue tirar o telefone do bolso do casaco. Com esforço marca um número. Leva o telefone ao ouvido e fala com dificuldade.

RAUL

Afonso...

MUDANÇA DE DIA

EXT. AVENIDA DA LIBERDADE DIA

Pessoas cruzam-se no meio da confusão quase caótica da Avenida da Liberdade na hora de ponta matinal.

INT. ESCRITÓRIO. SALA DE HELENA DIA

Afonso está reunido com Helena. Ambos têm um ar preocupado.

AFONSO

Quando cheguei aqui ao escritório ele já estava melhor, e tentou brincar com o assunto. Tentei levá-lo ao hospital, mas recusou. Sabes o que é que disse: “Se não queres ficar doente...”

HELENA

“...não te metas com médicos”. Eu sei, já conheço a frase.

AFONSO

Tens de falar com ele. Foi um susto grande demais para fecharmos os olhos.

HELENA

E achas que eu não falei com ele, até mais do que uma vez? Já lhe marquei um check-up, e ele faltou; marquei-lhe uma consulta, e ele foi almoçar a Évora. Eu não sou mãezinha dele, por amor de Deus.

Helena leva a mão à cara e esfrega os olhos, preocupada.

HELENA

O que é que eu faço, Afonso?

AFONSO

Daqui a pouco ele vai estar aqui de novo, como se nada tivesse acontecido. Porque é que não levantamos o tema na reunião de hoje?

HELENA

Não - isso não vai adiantar nada. Só vamos conseguir irritá-lo.

AFONSO

Ex-mulheres... filhos...

HELENA

Como se ele lhes ligasse alguma coisa.

AFONSO

Amigos...

HELENA

Somos nós.

Afonso fica pensativo.

AFONSO

Qual é a coisa que ele mais gosta no mundo?

HELENA

Para além de charutos e ópera?

AFONSO

(sorri)

E mulheres...

HELENA

É deste escritório. Porquê?

AFONSO

Porque é que não lhe mostramos que corre o risco de perdê-lo?

(pausa)

Eu sei que tu já fizeste alguns contactos com escritórios espanhóis...

HELENA

Não sei como é que soubeste, mas... achas que funcionaria?

AFONSO

O que é que temos a perder?

Os dois olham-se, preocupados.

INT. TRIBUNAL CRIMINAL DIA

Estamos em mais uma sessão do julgamento de Sofia. Presentes, além do queixoso Virgílio e réu Óscar, do juiz Bradell e do procurador do MP Gonçalo Pena, estão Sofia e HORÁCIO, que vimos nos flashes, e que agora está a ser interrogado enquanto primeira testemunha da defesa.

SOFIA

Senhor Horácio... o senhor assistiu a tudo o que se passou naquele dia. Acha que o senhor Virgílio estava embriagado quando se dirigiu a casa do arguido?

HORÁCIO

Bom... o Virgílio aguenta bem o álcool...

SOFIA

Mas estava embriagado ou não?

HORÁCIO

Era capaz de estar um pouco tocado, mas nada de especial.

SOFIA

Ele diz que falou com bons modos à dona Palmira. Foi isso que aconteceu?

HORÁCIO

Bom... é um bocado relativo...

SOFIA

Senhor Horácio... ele entrou na casa de uma pessoa aos berros, gritando insultos, dizendo palavrões... foi isso que aconteceu, não foi?

Horácio encolhe os ombros, sem responder.

SOFIA

O senhor gostaria que o queixoso tratasse a sua mãe como tratou a dona Palmira naquela tarde?

HORÁCIO

Não. Nem pensar...

SOFIA

Então é natural que o senhor Óscar também não tenha gostado?

HORÁCIO

Bom... acho que sim...

SOFIA

O senhor viu quando o arguido surgiu na varanda com a arma?

HORÁCIO

Só quando o Simão gritou para avisar o Virgílio. Olhei para cima e vi o Óscar a fazer pontaria.

SOFIA

Estava já a fazer pontaria.

HORÁCIO

Estava, sim senhora...

SOFIA

Mas não disparou?

HORÁCIO

Não senhora. Esperou que o Virgílio fugisse.

SOFIA

Esperou que ele corresse 40 metros. Um, dois, três, quatro, cinco, seis, sete...

Gonçalo Pena olha para Sofia; o Juiz faz o mesmo.

SOFIA

...oito, nove, dez, onze...

Todos os olhares se fixam na advogada.

SOFIA

...doze, treze, catorze, quinze, dezasseis, dezassete...

JUIZ BRADELL

Já percebemos, doutora Sofia - foram quarenta metros. Pode prosseguir com o seu interrogatório.

SOFIA

Obrigado, meritíssimo, mas não tenho mais perguntas.

PASSAGEM DE TEMPO

INT. TRIBUNAL CRIMINAL MAIS TARDE

Gonçalo Pena interroga agora a testemunha de defesa Horácio.

GONÇALO PENA

Na altura dos eventos, o Simão namorava com a filha do senhor Óscar, não é verdade?

HORÁCIO

É verdade.

GONÇALO PENA

Foi por causa dela que os dois discutiram e ele foi agredido violentamente pelo senhor Óscar?

Sofia abana a cabeça e sorri ironicamente.

GONÇALO PENA

Foi por causa da Alzira que os dois discutiram?

HORÁCIO

Foi, acho que sim.

GONÇALO PENA

Podemos saber com quem é que a Alzira namora agora?

HORÁCIO

Namora comigo.

GONÇALO PENA

O que faz do senhor Óscar quase seu sogro?

HORÁCIO

Bom... mais ou menos...

GONÇALO PENA

Estou esclarecido quanto à credibilidade desta testemunha, meritíssimo.

INT. ESCRITÓRIO. SALA DOS CAFÉS DIA

Vera está a espremer laranjas para fazer um sumo, quando Francisco entra. Dirige-se ao frigorífico para retirar a garrafa de água.

Francisco procura nas gavetas.

FRANCISCO

Oi...

VERA

Oi.

Vera abre uma gaveta e tira de lá a caixa de comprimidos.

FRANCISCO

Sabes onde é que guardam as aspirinas?

VERA

Dói-te a cabeça?

FRANCISCO

De morte.

Francisco toma o comprimido e bebe um golo de água.

VERA

Ontem bebemos demais.

FRANCISCO

Um exagero.

VERA

Não podemos voltar a beber assim...

Vera hesita.

FRANCISCO

Beber, não... mas o resto...

VERA

O resto ainda menos. Não dá, Francisco.

FRANCISCO

Porquê?

VERA

Porque... é complicado...

FRANCISCO

O que torna tudo mais interessante.

Vera vai responder, mas Raul entra na sala nesse momento. Vem com o seu ar fresco e activo de sempre e traz um charuto apagado na mão.

RAUL

Eu pago-vos para estarem aqui na conversa?

Vera volta a espremer laranjas, enquanto Raul procura também nas gavetas.

FRANCISCO

Já estou de saída...

RAUL

Como é que vai o vosso caso da seguradora? Há novidades?

VERA

Conseguimos uma burra de substituição para o velhote. Deu luta mas a seguradora acabou por ceder.

RAUL

Uma burra de substituição? Boa, Vera - bem pensado...

Raul encontra o que procurava - uma caixa de fósforos. Agarra nela e prepara-se para sair.

VERA

Doutor Raul...

(hesita)

... como é que se sente hoje?

Raul sorri e faz um gesto de OK, esticando para cima o polegar da mão em que segura o charuto.

RAUL

Pachola!

Raul sai da sala e os dois estagiários olham espantados um para o outro.

INT. TRIBUNAL CRIMINAL DIA

Continuamos na sessão do julgamento de Sofia. Esta está agora a interrogar um PERITO, um homem magro, seco, de cabelo completamente rapado e ar militar.

SOFIA

Senhor Brito, enquanto perito em balística, gostaria que analisasse estas fotografias que lhe vou mostrar, e que fazem parte dos autos.

Sofia agarra numa fotografia ampliada para 50x70 cm, que representa um alvo de papel daqueles em forma humana. O alvo foi atingido com um disparo de caçadeira a curta distância, estando o papel totalmente rasgado e perfurado no meio.

SOFIA

O que é que me pode dizer sobre esta fotografia?

PERITO

Representa um alvo de tiro, que foi atingido com um tiro de caçadeira a curta distância, provavelmente não mais de cinco metros.

SOFIA

Se uma pessoa fosse atingida nas costas por um tiro destes, o resultado seria provavelmente a morte.

PERITO

Correcto e afirmativo.

SOFIA

E sobre esta outra fotografia?

Sofia mostra outra fotografia. É um alvo igual, mas os danos são menores, embora bem visíveis ainda.

PERITO

Foi também um tipo de caçadeira, com chumbo miúdo, a uma distância maior. Possivelmente vinte metros, ou coisa assim.

SOFIA

Mesmo assim, ainda produziria danos consideráveis numa pessoa?

PERITO

Sim. Até talvez a morte...

Sofia mostra uma terceira foto. É um alvo igual, mas agora apresenta apenas os sinais de uma dúzia de impactos leves, assinalados com círculos vermelhos.

SOFIA

E quanto a esta fotografia?

PERITO

Trata-se de um tiro a uma distância maior. Está a ver - com o aumento da distância

aumenta o ângulo de dispersão dos projecteis.

O homem explica o conceito juntando as mãos e depois separando-as, para exemplificar a separação dos chumbos.

PERITO

A esta distância os grãos de chumbo já estão tão afastados uns dos outros que só meia dúzia é que atingiram o alvo. Eu diria que isso foi a uns quarenta ou cinquenta metros.

SOFIA

Quarenta. Veja agora esta foto.

Sofia mostra agora uma fotografia, também ampliada, das costas de Virgílio, mostrando uma dezena de cicatrizes muito pequenas, assinaladas também com círculos vermelhos.

SOFIA

É o registo das marcas deixadas pelo tiro disparado pelo arguido, à distância de quarenta metros, nas costas do queixoso. Na sua opinião de perito, acha que este tiro representou perigo de vida para o atingido.

PERITO

Não, de forma alguma. A essa distância e com esse calibre de chumbo, não.

SOFIA

E acha que o arguido, que é um caçador experiente e um bom atirador, não sabia disso?

PERITO

Com certeza sabia - esse tiro foi dado quase no limite do alcance útil da arma. Não mataria uma raposa, quanto mais uma pessoa.

SOFIA

Não tenho mais perguntas, meritíssimo.

Sofia encosta-se para trás, satisfeita, e olha para Gonçalo Pena, que abana a cabeça.

INT. ESCRITÓRIO. SALA DE HELENA DIA

Helena está ao telefone, quando Afonso espreita à porta.

AFONSO

Chamaste?

HELENA

(tapa o bucal)

Entra, entra...

(volta a falar ao telefone)

Sim, sim. As circunstâncias alteraram-se e estamos disponíveis para falar...

Afonso encosta-se à secretária e fala em voz baixa, movendo apenas os lábios.

AFONSO

Os espanhóis...?

Helena acena afirmativamente, continuando a ouvir.

HELENA

Exacto...

(pausa)

O Raul ainda não estará na primeira reunião.

(pausa)

Porquê? É uma opção nossa. A responsabilidade destas negociações é minha e apenas minha, para já.

(pausa)

OK - fico a aguardar a vossa visita. Até breve...

Helena desliga o telefone e respira fundo.

HELENA

Pronto - já está.

AFONSO

Eles mostraram-se interessados?

HELENA

Muito. Mas têm medo que o Raul esteja contra o negócio.

AFONSO

Desde que isso sirva para o fazer ter juízo... por mim tudo bem.

Helena olha para Afonso durante uns instantes.

HELENA

Eu acho que o Raul não vai ter juízo nunca. E acho que devemos começar a pensar neste negócio como uma hipótese real, e não apenas como um jogo para despertar o Raul.

Afonso baixa o olhar e não responde.

INT. TRIBUNAL CRIMINAL DIA

Todas as atenções da sala estão centradas na figura do juiz Bradell, que tem um documento nas mãos.

Conforme ele vai falando, vamos vendo as caras dos diversos interessados: Óscar, no banco do arguido...

JUIZ BRADELL

A questão que este tribunal teve de enfrentar é muito complexa e até apaixonante para quem tem de decidir, e prende-se com a prova do elemento subjectivo no crime de homicídio, com a existência ou não de intencionalidade de matar...

... o seu filho Vitalino, ao lado da mãe, Palmira, na assistência;...

JUIZ BRADELL

Face a todas as provas produzidas e que constam dos autos, e aos argumentos aduzidos no decurso deste julgamento,...

...Virgílio, o queixoso...

JUIZ BRADELL

...é convicção deste tribunal que a intenção do arguido não foi a de causar a morte do queixoso e nem se conformou com essa possibilidade, mas tão somente provocar-lhe ofensas corporais limitadas.

...o procurador público, Gonçalo Pena;

JUIZ BRADELL

No mínimo, a defesa conseguiu estabelecer dúvidas nessa motivação, e essas dúvidas devem evidentemente funcionar a favor do

arguido, por força do princípio “in dubio pro reo”.

...e, finalmente, Sofia.

JUIZ BRADELL

Assim sendo, este tem de absolver o arguido do crime de homicídio na forma tentada.

Sofia fecha os olhos, e respira fundo.

Óscar olha para trás, para Vitalino e Palmira. A mulher abraça-se ao filho, a chorar. Gonçalo Pena mostrasse desagradado com a decisão.

JUIZ BRADELL

Declaro encerrada a sessão.

INT. BAR NOITE

Helder, o barman, bate com três canecas de cerveja em cima da mesa dos advogados, PROVOCANDO UM SOM que nos recorda o proverbial martelo nos tribunais americanos.

Afonso, Sofia e Helena estão a celebrar a vitória da advogada.

HELENA

Parabéns, Sofia! Excelente sentença!

AFONSO

Estás a tomar o gosto pelo direito criminal, não estás?

SOFIA

Confesso que sim. É mais interessante que o de família.

HELENA

Mais interessante não sei. Mas que dá mais adrenalina, isso é verdade.

SOFIA

À adrenalina!

Sofia ergue a taça e os três preparam-se para brindar, quando Raul se aproxima da mesa.

RAUL

Mas o que é isto? Nem esperam por mim? Eu também quero celebrar esta vitória.

Raul faz sinal ao empregado.

RAUL

Helder - whisky. Cerveja é para meninos.

Raul senta-se e Helena olha para ele com má cara.

HELENA

Sabes muito bem que não devias estar a beber.

RAUL

Minha querida - no dia em que eu passar a fazer só o que devia, podem chamar o coveiro para acabar de tapar o meu caixão.

Helena levanta-se, aborrecida.

HELENA

Esperemos que não seja mais depressa do que tu pensas.

(para Sofia)

Desculpa, Sofia.

Helena afasta-se em direcção à porta. Raul olha-a, com o seu ar gozão.

RAUL

Não lhe liguem. Aquilo passa-lhe.

(olha para o lado)

Helder! Então esse whisky?

EXT. BAR NOITE

Helena sai para a rua, abotoando o casaco. Olha para um lado e para o outro, abana a cabeça, e começa a andar, preocupada.

FIM DO 13º EPISÓDIO